



JESS VIEIRA

A A N C A É A  
E S Q U I N A  
D O C O R P O



**Abertura**  
**27 de novembro • 19h**

---

**Exposição**  
**até 30 de dezembro de 2025**

**PAULO  
DARZÉ**

G A L E R I A

**Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8**  
**Corredor da Vitória, Salvador**



**Sempre Viva | a anca é a esquina do corpo**  
Óleo sobre linho e algodão • 180 × 150 cm • 2025



# 7 a t o s d ' á g u a

Julia Maria

**sonhar o mar,**

diante do rio quase terra, coberto por folhas secas. Chove uma chuva fina, semelhante ao choro dos montões de cigarras que cantam o quintal. O exercício requer um esforço de corpo inteiro: sentir o sal na língua, a brisa na pele, o emaranhar dos cabelos. No quintal de Jess, mora um oceano. Esse ser imenso, infinito, que ao contrário do rio, não dá pistas de se esvaziar.

Nascida das águas é um imperativo inevitável, e também título de uma das obras que integram a bacia hidrográfica desta exposição. Jess Vieira, natural de Gama (DF) lugar de terra ácida, hoje vive em Salvador. Foi no sul da Bahia que a artista aprendeu a nadar, num banco de areia, em sua primeira e única viagem com a mãe na infância, recorda. Tem algo de extraordinário aprender a nadar no mar, vindo de uma terra-cerrado. Na adolescência, matar aula para ir nas cachoeiras “tinha um misto de coragem e imprudência”. Já com o pai, conheceu rios Goiás adentro.

**caminhar,**

subir as escadas, se encontrar com o horizonte azul recortado pelas verticais do desenho urbano. Permitir-se o descanso, habitar a linha tênue de ritmo sutil, é ela quem separa e faz encontrar a terra e o céu.

Em sua primeira individual nesse espaço, a escolha por ocupar o segundo andar da galeria é consciente. A artista propõe um percurso, um movimento que prepara o mergulho em sua mais recente produção.

**Antúrio de água**

Óleo s/tela • 30 × 13 cm • 2025



## **dobrar a curva,**

o corpo se inscreve na paisagem. Os quadris guardam segredos da criação do universo. É o leito do rio que protege o mistério da vida. Não resiste margem no duo corpo e paisagem — aqui eles formam o mesmo território. O trabalho se move como correnteza, guiado por um saber que existe e não se explica, ou melhor, que revela uma confiança no que é invisível e ainda, indizível.

É atravessada por uma linhagem de mulheres que transformam sensibilidade em forma — Agnes Pelton, Otobong Nkanga, Hilma af Klint, Ana Mendieta. Cada uma da sua maneira: Pelton oferece um recolhimento etéreo, quase meditativo; Otobong ensina a honrar o caos e o tempo de cada vida que cabe numa artista; Hilma expande o gesto para fora, em grandeza espiritual; Mendieta devolve o corpo ao mundo como rito e terra. Mais que referências, são presenças que reverberam como campo vibrante, uma constelação subterrânea que alimenta o curso da criação.

## escorrer as águas,

desmanchar as fronteiras entre corpo humano e natureza é tanto necessidade quanto destino. A pintura se torna receptáculo desse atravessamento. Em suas camadas, Jess encontra um cosmos — um modo de pertencer, mesmo em constante deslocamento. Como pertencer a um lugar se o corpo é, a todo instante, reinventado? Como habitar a si mesma quando tudo se move?



Etapas de processo da obra *Uma gota d'água*



**Uma gota d'água (Antes da chuva)**

Óleo sobre linho e algodão • 180 × 150 cm • 2025

Jess pinta rudupiando, como as flores de ipês que já sabem seu caminho no fim de setembro. Em *Uma gota d'água* a indivisibilidade corpo-paisagem é evidente. Dois planos se desenharam a partir da linha horizontal, tal qual a linha do mar-céu. Um refletindo o outro, o fora e o dentro enredam uma relação íntima, um embaraço, uma água gestando a outra e vice-versa. Pra fazer tempestade em corpo d'água, uma lágrima basta.

Olho no olho não mostra, mas evoca: o encontro das copas das árvores, o desenho das trompas uterinas, dois amantes que se entreolham em quietude. O que se revela é a própria reciprocidade da vida — um contínuo espelhamento, o que vê e o que é visto, o que ama e é amado, talvez aí nesse entremeio more deus.

### **ajustar-se para o avesso das coisas,**

arriscar-se nas inteirezas, sentir o espaço se abrindo em instâncias de cor e silêncio. As obras criam pausas, distâncias, aproximações. Pedem escuta. As cores ressoam uma espécie de pulsação antiga, uma lembrança de chão e de água, que tem como guias a honestidade do tempo e o abraço da experiência.

Em *Physostegia Ariana* (planta desobediente), Vieira subverte a docilidade sugerida pela *Physostegia virginiana* — a “flor obediente” — e semeia um gesto de insubmissão. Sua flor é corpo que recusa a forma imposta, dobra o caule para outros ventos, anuncia um florescer que escolhe o próprio rumo.



**Physostegia ariana** (Planta desobediente)  
Óleo sobre linho e algodão • 40 × 40 cm • 2025



## **volver ao rio,**

a ribanceira, a voz do pai que lê a poesia da artista vira reza, ecoa, espirala. Pedir licença para mergulhar no rio, subir a serra, pisar o chão. Em EU POSSO NÃO TER TETO, MAS EU TENHO CHÃO, performance apresentada em setembro no Sesc de Feira de Santana, Vieira entrelaça sua voz às das avós e da mãe, tecendo uma teia de sussurros, herança. O corpo torna-se ponte entre tempos: canta e invoca, reinscreve o passado e o futuro no presente. Nesse sentido, “O olhar e a voz dos antepassados asseguram a existência, pois sua lembrança garante a produção da própria memória”, como ensina Leda Maria Martins, no capítulo que arremata, mas não finaliza Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela, 2021, p.213.

Gravado no rio São Bartolomeu na primeira viagem solo da artista, o vídeo é pintura: triangula a natureza, primeiro plano verde, segundo plano condição humana-animal, terceiro plano o chão-céu.

## **redemoinhar o tempo,**

rio-mar-rio, começo-meio-começo. Há algo na prática de Jess que continua a nascer e gira em confluências. O mistério que a envolve é o mesmo que move as águas: insistente, vital, incontornável, quero crer.



**Olho no olho (Homeostase)**

Óleo sobre linho e algodão • 150 × 180 cm • 2025

**27.01.25**

*Tomo meu espaço, suor e tinta  
Piso, solvente a me absorver  
Chão que é meu  
Eu o cubro de coragem  
A lente que seca o olho e ainda faz ver  
Entro e faço com meu corpo  
Um espaço sagrado  
O tempo se revela  
Clareia os olhos  
O feitiço que é se ver  
Me carreguei até aqui  
Minha mãe trouxe água  
Eu coberta de fogo que não se apaga  
Equilibrei-me dançando  
No vento me assisti  
Flertando na beira do precipício  
Só eu via  
Fiz um espaço sagrado  
A perceber que o espaço sagrado é primeiro minha morada  
Move-se lado a lado como movo  
Vai aonde eu vou*



## um diário de mentiras

**17.09.25**

*Cheguei ao ateliê, fujo sempre daqui, engraçado. IRÔNICO. 'gosto daqui.*

*As telas que eram feias. Adivinhe. não me incomodam mais.*

*Estou harmonicamente caótica.*

*Poeticamente frágil.*

*Perdidamente mentirosa depois que consegui perceber essa coisa de "será que invento um mundo meu?" Invento né...*

*Sei criar espaços bonitos. Uma vida bonita e isso não é concreto?*

*Para mim é concreto SUFICIENTE.*

*POR FIM.*

*A MIM.*

*ME CABE PROTEGER-ME DA MÁ PERSONA QUE JÁ TENTOU ME FAZER  
CABER*

*PARA AGORA*

*PINTAR*

*PINTAR*

*como se cada centelha de mim que se perdeu se integrasse ao fazer da  
minha expressão algo tangível*

*E que Deus me ajude*

*E que eu me ajude*

*Que eu me sustente como capaz de mim*



**Três sóis | Nós**

Óleo sobre linho e algodão • 150 × 90 cm • 2025

## Saudação ao Sol I

Óleo sobre tela • 103 x 204 cm • 2025







**Mandala I**

Óleo e bastão sobre linho e algodão • 40 × 50 cm • 2025

**23.08.25**

*Como é que Deus abraça?  
Eu realizei mais um sonho*

**algo que começa em junho.25**

*minto muito para mim  
é uma trabalhadeira rezar em meu nome  
vez ou outra esqueço como me chamo  
escolho outro viver  
hoje tomo gosto por Fátima  
algo dramático como Carmem com M  
nunca amei alguém com a letra EME  
em um verão eu disse que sim, menti  
a verdade: gostava do signo sagitário, do sobrenome igual ao meu  
bom para colocar em placa  
Carmem, ninguém esquece  
confundindo o amor com a junção de duas pessoas que se queimam*

*não se há de esquecer  
mesmo que eu tivesse a sombra clara na certidão de nascimento  
não se há de esquecer que muitos nomes não aparecem ali no papel  
quem confirma a minha genealogia em queda?*

*decido não parir  
quem me esqueceria?*

quem se lembraria de mim?  
talvez por isso pintar faz tanto sentido  
fala, sem uma palavra  
se não por ódio, por amor  
por amor ao ódio das coisas que não se nomeiam e precisam de nome  
por amor ao amor quando não se precisa nomear e ainda assim tem presença  
um apreço fundamentado na dúvida infantil que mora nos meus argumentos  
sábios  
o ódio gestacionado por minha introspecção confusa nos gestos mesclados  
num pensamento expansivo intuitivo que hora dá e hora toma  
torna a ser essa mania de querer ser amada por gente que não entende um  
verso escrito no meu corpo, na agonia de curar quem nunca me viu, embora  
eu seja sua cara e confunde a data do meu nascimento, nada a festejar

ó por deus, como eu queria ser firme  
se eu firmar mais que isso não há pé que balance no ar  
ó deus, descobri novos nomes para te chamar  
um nome que reina na minha cabeça, me cura com água  
ó por deus, como eu queria ser firme  
mas eu minto demais para mim  
confundindo firmeza com o peso que eu carrego e já sei nomear  
vou colocar tudo em um caixa e sem remetente vou devolver o que carrego  
e nem é meu

um dia amei um homem firme, fui bastante infeliz  
um dia amei um homem raso, fui bastante infeliz

*um dia não amei, fui bastante infeliz  
um dia eu me amei e eu descansei  
os cabelos na água flutuavam vendo as estrelas no mar do porto da barra  
nossos corpos se distanciavam do mundo, meu nome era nada, ninguém  
lembrava de nada, não havia nada para fazer  
eu conheci o amor na água vendo estrelas morrendo, enquanto piscavam  
seus últimos brilhos e eu morri um pouquinho para começar a viver mais*





*não era o receptor, era a forma*

*nem água, nem fogo, nem ar hão de se aterrar em meu corpo no final*

*comecei a ser honesta nas mentiras, escrevendo verdades  
gestar na intenção de nutrir e colocar no mundo o que se deve parir e guiar  
trazer à tona a luz, alimento*

*conheci outra raiz  
abdiquei do nome que não era meu, não quis sobrenome, ou nada que fosse  
tudo para o alheio  
foi suficientemente bom, foi suficientemente belo, foi suficientemente torto  
suficientemente meu  
um dia eu me ameí, não prestei contas a seu ninguém e fui um pouco mais feliz*



**Nascida das águas (isso precisa nascer)**

Óleo e bastão sobre linho e algodão

56 × 82,3 cm • 2025





**Assim na terra como no céu | Egbe Aiye**

Óleo e bastão sobre linho e algodão

40 × 40 cm • 2025



**Assim na terra como no ar | Peixe Nuvem**

Óleo s/tela • 20 × 10 cm • 2025



**Para nomear o amar**

Óleo s/tela • 10 × 13 cm • 2025





**Sublimação**

Óleo e carvão s/tela • 100 × 70 cm • 2025



### **Rio interior**

Óleo e bastão s/tela • 158 x 64 cm • 2025

**29.09.25**

*esses dias sonhei com uma chuva de estrelas cadentes, no mesmo sonho  
minha avó capinava o quintal. quintal bagunçado.  
lembrar que origem não define destino.*

**07.10.25**

*PINTAR como quem  
faz AMOR  
com (o)  
(1) deus.*



**meu coração inteiro na curva do rio**  
Óleo sobre linho e algodão • 100 × 100 cm • 2025

**14.10.25**

*tô me sentindo meio torta  
como se estivesse errando muito*

**15.10.25**

*sonhei que tinha que tomar vacinas*

**27.10.25**

*quase meia noite. pinte bastante. o suficiente.  
meu ombro dói. me vejo ali. preciso bancar  
quem eu sou e lembrar meus sonhos.*

**01.11.25**

*confiar que existe vida lá fora,  
pois já existe muita vida aqui dentro.*





**uma estrela com meu nome**

Óleo e terra s/tela • 148 x 28 cm • 2025



**Entre a ilha e o corpo**

Óleo sobre tela • 101 x 167,5 cm • s/data



## Jess Vieira

(1992) é artista visual, escritora e arteterapeuta junguiana. Nascida no cerrado, no Gama-DF, cresceu entre a terra vermelha e a água doce antes de se radicar em Salvador, onde aprofunda sua relação com as águas, a espiritualidade e a ancestralidade.

Desenvolve narrativas a partir do eixo CORPO.RIO.MAR.TERRA VERMELHA, um campo onde território vivido, memória e paisagens internas convergem em diálogo sensível que se transforma em imagem. Sua pesquisa atual atravessa corpo, água e campos psíquicos, investigando materializações da natureza interna, espiritualidade cotidiana e o encontro entre visível e etéreo.

Pinta como quem escuta. Suas telas são construídas por meio de lixamento, fricção e camadas que revelam textura, desejo, pertencimento e reconstrução. Sua prática como arteterapeuta integra clínica, gesto e imaginação, ampliando a capacidade de transformar afetos em forma. “Acredito que as águas organizam a maneira com que vemos o mundo — numa aquarela, pelo choro, pelo renascimento que nos atravessa em diferentes momentos.”

Formada em Letras, especializou-se em Estudos Brasileiros (FESPSP) e Arteterapia Junguiana (IJBA), bases que sustentam sua abordagem simbólica e sua escrita, hoje consolidada como parte fundamental de sua produção poética e visual. Atuou como professora de pintura na infância, experiência que reforçou sua compreensão sobre a força criativa desde cedo. Realizou oficinas presenciais e online, além de murais urbanos, que entende como forma de tornar a arte acessível. Foi residente do POPAV – Programa de Orientação de Projetos em Artes Visuais (Sesc-SP, 2021).

Em 2025 apresenta sua primeira exposição solo em Salvador, além de duas performances: uma presencial no Sesc Feira de Santana e outra em vídeo, gravada em 2023 na Chapada dos Veadeiros e editada especialmente para a mostra.

**coordenação**

Paulo Darzé e Thais Darzé

**produção executiva**

Dulcivalva de Menezes Góes

Patrícia Nunes

**curadoria**

Julia Maria

**fotografias**

Renan Benedito

**design gráfico**

P55 Edição

**assessoria e revisão**

Claudius Portugal

**montagem**

Alex Sandro Almeida Oliveira

Antonio Jorge Reis dos Santos Jr.

Jenivaldo Jesus dos Santos

An abstract painting with a rich, textured surface. The background features a large, dark blue-green mountain-like shape in the center, surrounded by layers of warm colors like orange, yellow, and green. Below this, there are more vibrant colors including purple, pink, and red, suggesting a landscape or a celestial scene. The overall style is expressive and painterly.

**PAULO  
DARZÉ**

G A L E R I A